

Automedicação entre pacientes dos ambulatórios de especialidades de uma universidade pública do estado do Rio Grande do Norte

Self-medication among patients of outlets of specialties of a public university of the state of Rio Grande do Norte

DOI:10.34117/bjdv8n11-261

Recebimento dos originais: 24/10/2022

Aceitação para publicação: 23/11/2022

Herculano Lins Oliveira

Graduado em Medicina

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Endereço: Rua Atirador Miguel Antonio da Silva, Mossoró – RN, CEP: 59607-360

E-mail: herculanolins@alu.uern.br

Tassio Danilo Rego de Queiroz

Graduado em Medicina

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Endereço: Rua Atirador Miguel Antonio da Silva, Mossoró – RN, CEP: 59607-360

E-mail: tassioqueiroz@alu.uern.br

Jeones Oliveira Gomes do Rego

Graduado em Medicina

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Endereço: Rua Atirador Miguel Antonio da Silva, Mossoró – RN, CEP: 59607-360

E-mail: jeonesgomes@alu.uern.br

Francisco Vicente de Andrade Neto

Graduado em Biomedicina

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Endereço: Rua Atirador Miguel Antonio da Silva, Mossoró – RN, CEP: 59607-360

E-mail: franciscovicente@uern.br

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia

Doutora em Ciência Animal

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Endereço: Rua Atirador Miguel Antonio da Silva, Mossoró – RN, CEP: 59607-360

E-mail: allyssandrarodrigues@uern.br

Izete Soares da Silva Dantas Pereira

Doutora em Saúde Pública

Instituição: Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Endereço: Rua Atirador Miguel Antonio da Silva, Mossoró – RN, CEP: 59607-360

E-mail: izetedantas@uern.br

RESUMO

A automedicação configura-se como um problema de saúde pública, e o uso racional pode poupar recursos nos casos de tratamento e de terapêutica para doenças menores. Segundo a OMS, metade de todos os fármacos é prescrita de forma incorreta, além de vendida e dispensada também de forma equivocada. Nesta pesquisa objetivou-se conhecer os hábitos de automedicação e fatores que influenciam essa prática, caracterizando o perfil do grupo a partir dos dados sociodemográfico, frequência, necessidade de prescrição, busca informativa, motivos e tipos de medicações em uso no contexto da automedicação entre os pacientes atendidos pelo Ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tratou-se de um estudo de corte transversal com abordagem qualitativa realizado com pacientes que frequentam os ambulatórios de especialidades da Universidade. A coleta deu-se por meio da realização de uma entrevista semiestruturada. O perfil dos pacientes entrevistados mostra-se majoritariamente utilizador de sintomáticos, com notoriedade para as queixas de dores gerais e cefaleia, com prevalentes de caracteres adultos, do sexo feminino, casado, procedentes da mesma cidade onde se localiza o serviço ambulatorial pesquisado. Enquadra-se em sua maior quantidade no serviço de ginecologia e obstetrícia, que se automedicam em tempos atuais, sem prescrição habilitado. Apesar do balconista de farmácia ter sido o mais mencionado como recomendado dos medicamentos, não foi, paradoxalmente, o ente mais procurado para busca de informações sobre os medicamentos. A automedicação ainda consiste em um grave dilema da saúde pública nacional e global, e seu uso indiscriminado pela população caracteriza-se deletério sob a ótica de inúmeros problemas físicos e psicossociais. Em estudos posteriores, sugere-se que o mapeamento demográfico, social, cultural e com os traços do perfil “consumístico” medicamentoso seja ampliado.

Palavras-chave: sinais e sintomas, automedicação, prescrição médica, indústria farmacêutica, saúde pública.

ABSTRACT

Self-medication is a public health problem, and within the community prism, rational self-medication can save resources in cases of treatment in cases of therapy for minor diseases. Self-medication is a public health problem, and rational use can save resources in cases of treatment and therapy for minor diseases. According to the WHO, half of all drugs are prescribed incorrectly, in addition to being sold and dispensed in the wrong way. This research aimed to know the habits of self-medication and factors that influence this practice, characterizing the profile of the group based on sociodemographic data, frequency, need for prescription, informative search, reasons and types of medications used in the context of self-medication among the patients treated at the Outpatient Clinic of the Faculty of Health Sciences (FACS) of the State University of Rio Grande do Norte. This was a cross-sectional study with a qualitative approach carried out with patients who attend the University's specialty outpatient clinics. Data collection took place through a semi-structured interview. The profile of the interviewed patients is mostly symptomatic

users, with notoriety for complaints of general pain and headache, with prevalence of adult characters, female, married, coming from the same city where the researched outpatient service is located. Most of them are in the gynecology and obstetrics service, which nowadays self-medicate, without a qualified prescription of information about medicines. Self-medication is still a serious dilemma for national and global public health, and its indiscriminate use by the population is characterized as deleterious from the point of view of numerous physical and psychosocial problems. In later studies, it is suggested that the demographic, social, cultural mapping and with the traces of the drug “consumer” profile be expanded.

Keywords: signs and symptoms, self-medication, doctor's prescription, pharmaceutical industry, public health.

1 INTRODUÇÃO

O território brasileiro configura-se um dos maiores mercados globais de fármacos, com cifras que alcançam um mercado no qual se estima cerca de US\$ 1,4 trilhão no ano de 2022, sendo que tal estatística, em parte considerável, respinga, inexoravelmente, no consumo não prescrito ou coordenado (CORREA; RODRIGUES; CAETANO, 2018). A Organização Mundial da Saúde – OMS define a automedicação como a seleção e o uso de medicamentos sem prescrição ou supervisão de um médico ou profissional de saúde capacitado e autorizado. Várias são as consequências da prática de automedicação, entre essas, podem ser citadas: efeitos colaterais, interações medicamentosas e, até mesmo, o agravo do quadro clínico do indivíduo (ARRAIS, 2016).

A disponibilização importante que existe às medicações eleva o potencial do uso descomedido. Consoante a OMS, cerca de 50% de todos os fármacos são prescritos de forma incorreta, além de vendidos e dispensados também de forma equivocada, e um dos pontos que colaboram para o uso incorreto de medicações é a conduta inapropriada da automedicação (DOMINGUES; GALVÃO; ANDRADE; SÁ; SILVA; PEREIRA, 2015).

Os fármacos provenientes dessa conduta imprópria e autocomplacente possuem origem em estoques domésticos, terapêuticas interrompidas, ou mesmo por divisões com indivíduos do mesmo convívio. Isso potencializa, em boa parte das vezes, a familiarização do uso pela população leiga e a comercialização sem haver receita médica, o que mascara doenças de aspecto evolutivo, além de, em caso de antibióticos, poderem gerar resistência bacteriana, e, se tratando de anti-inflamatórios, ocasionar danos pelas interações medicamentosas num contexto até de poli farmácia (DOMINGUES; GALVÃO; ANDRADE; SÁ; SILVA; PEREIRA, 2017).

Dentro do prisma comunitário, a automedicação racional pode poupar recursos nos casos de tratamento nos casos de terapêutica para doenças menores, além de diminuir a ausência laboral em razão de sintomas leves, todavia tal prática traz consequências inerentes, ainda que seja uma forma de autocuidado populacional, com ônus à saúde individual e coletiva das pessoas (GUALANO et al, 2015).

A abordagem da temática em questão é imperativa em razão da escassez de dados e análises mais aprofundadas acerca da prevalência da prática da automedicação em nível de Brasil, em que pese toda sua importância e complexidade para as instâncias governamentais.

Nesse sentido, a pesquisa justifica-se pela fundamentação em analisar os possíveis fatores imersos na lógica do perfil de consumo via automedicação de pacientes assistidos pelo serviço público ambulatorial prestado em uma faculdade pública do interior do estado do Rio Grande do Norte.

Assim, o presente trabalho possui como objetivo conhecer os hábitos de automedicação e fatores que influenciam essa prática, caracterizando o perfil do grupo a partir dos dados sociodemográfico, frequência, necessidade de prescrição, busca informativa, motivos e tipos de medicações em uso no contexto da automedicação entre os pacientes atendidos pelo Ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um de corte transversal analítico com abordagem quantitativa realizado com pacientes que frequentam os ambulatórios de especialidades de uma Universidade pública do município de Mossoró no Rio Grande do Norte. A pesquisa deu-se por meio da aplicação de entrevistas aos pacientes atendidos por esse serviço público da faculdade.

A escolha da amostra foi formada por pessoas dos diferentes ambulatórios de especialidades, com o cálculo de seu tamanho pela fórmula $N / (1 + N * e^2)$, onde N corresponde ao tamanho da população e “e” à margem de erro, visando a alcançar um “N” satisfatório, em conformidade com os critérios de inclusão e exclusão. Para tanto, os pacientes foram entrevistados em sala separada próximo aos ambulatórios.

Foram incluídos na pesquisa os pacientes maiores de 18 anos regularmente cadastrados para atendimento nos consultórios de especialidades. Não houve restrição

com relação à etnia, cor, orientação sexual, identidade de gênero, procedência e outras variáveis sociodemográficas. Foram excluídos da pesquisa os que não fazem parte dos pacientes que recebem atendimento por não estarem cadastrados, estar apenas acompanhando o paciente ou ser seu responsável.

Os participantes foram selecionados por meio de dados extraídos da Secretaria de atendimentos e consultas da FACS e contatados por intermédio da equipe de Bolsistas participantes da pesquisa. Os pacientes foram abordados na sala de espera dos ambulatórios e convidados a participar da pesquisa, com o preenchimento dos dados da entrevista. A coleta de dados ocorreu por meio de uma entrevista com um roteiro com questões fechadas, abertas e mistas que buscam conhecer os hábitos de automedicação e fatores que influenciam essa prática, caracterizando o perfil do grupo a partir dos dados sociodemográficos, frequência, necessidade de prescrição, busca informativa, motivos e tipos de medicações em uso no contexto da automedicação entre os pacientes atendidos pelo Ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Cabe ressaltar que na divulgação dos resultados, não serão feitas inferências individuais e sim um compilado dos números, através de frequência absoluta e percentual.

Os dados coletados foram armazenados e organizados em arquivo do programa SPSS e, após isso, submetidos à análise estatística descritiva, com base em frequências absolutas e relativas. A pesquisa foi desenvolvida em consonância com os preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de saúde-CNS, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, sob o parecer nº 5.031.533 e CAAE: 52129821.0.0000.5294. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange aos dados sociodemográficos, foram pesquisados os fatores idade, sexo, escolaridade, estado civil, possuir ocupação/profissão, renda mensal, procedência (cidade/estado) e especialidade com a qual faz acompanhamento no ambulatório.

No quesito etário, nota-se o prevaecimento do perfil adulto jovem no estudo, conforme ilustra a tabela 1. Esse público, no passado, foi considerado um grupo populacional saudável, com menor risco de adoecimento e morte. Os adolescentes e adultos jovens já foram considerados um grupo populacional saudável, com menor risco

de adoecimento e morte (MARTINS; AQUINO; PAMPONET; PINTO; AMORIM, 2019).

Todavia, o aumento dos índices de morbimortalidade, devido à maior ocorrência de causas externas, complicações relacionadas à gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis nessa faixa etária, demanda iniciativas políticas, sociais, mudanças organizacionais e de práticas dos profissionais dos serviços de saúde (MARTIN; AQUINO; PAMPONET; JUNIOR; AMORIM, 2019). Há também o maior acesso informativo e possível maturidade para filtragem desses conteúdos em saúde, culminando em maior busca do autocuidado e indo aos serviços de saúde (DIETRICH; COLET; WINKELMANN, 2019).

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos entrevistados no ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró/RN, 2022.

Faixa Etária	Percentual de Pacientes
Abaixo de 20 anos	2,98%
Entre 20 e 39 anos	43,28%
Entre 40 e 60 anos	38,80%
Acima de 60 anos	14,92%
Sexo	Percentual de Pacientes
Masculino	17,91%
Feminino	82,08%
Estado Civil	Percentual de Pacientes
Solteiros	34,32%
Casados	52,23%
Divorciados	7,46%
Viúvos	5,97%
Escolaridade	Percentual de Pacientes
Ensino fundamental incompleto	23,88%
Ensino fundamental completo	8,95%
Ensino médio incompleto	13,43%
Ensino médio completo	38,80%
Ensino superior incompleto	5,97%
Ensino superior completo	8,95%

Ocupação/Profissão	Percentual de Pacientes
Sim	49,25%
Não	50,75%
Possui Renda Mensal	Percentual de Pacientes
Sim	52,23%
Não	47,77%
Procedência	Percentual de Pacientes
Mossoró/RN	85,07%
Outras cidades do RN	11,94%

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Já em relação ao sexo, prevaleceu a captação de pacientes mulheres no ambulatório. O predomínio do sexo feminino reflete-se na busca maior pelo autocuidado e nos serviços de saúde, condição na qual também o homem historicamente relega ao segundo plano sua saúde e negligência os cuidados, cenário que possui perspectivas de mudanças, porém com um forte componente ideológico arraigado na sociedade (GARCIA; DE OLIVEIRA CARDOSO; DO NASCIMENTO BERNARDI, 2019).

Quanto à escolaridade, boa parte dos pacientes situa-se entre o ensino médio e o ensino fundamental e sobre o estado civil, mostrou-se um predomínio de pessoas casadas dentre os entrevistados, consoante mostra a tabela 1. Os indivíduos com menor escolaridade e que não possuem planos de saúde, em razão da potencial menor renda e menos acesso educacional e chance de possuir plano privado de saúde, tende a buscar menos os serviços de saúde ou a negligenciar maiores cuidados (SILVA; TORRES; PEIXOTO, 2020).

Todavia, vê-se no presente estudo que foi justamente a maior parcela integrante dos percentuais, o que também evidencia a importância social do serviço da faculdade em ofertar consultas ambulatoriais, cobrindo estratos sociais vulneráveis.

Dentro do prisma de cuidados de saúde, o casamento em vários contextos de saúde-doença funciona como fator protetor, posto que, em se tratando de buscar assistência, a parceria tende a potencializar cuidados, o viés acaba sendo coletivo entre os dois companheiros, para além do componente individual (GONÇALVES et al, 2018).

Relativamente aos outros dados sociodemográficos, a ocupação/profissão não apresentou diferença importante, tal como o componente de renda mensal diretamente –

posta a relação com a escolaridade que exibiu diferenças explanadas anteriormente e, quanto à procedência, a maior parte dos pacientes é do município de Mossoró, onde se localiza o ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde.

Os ambulatórios da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) possuem o condão de contribuir para aproximar o corpo social da universidade, sob a tutela do tripé acadêmico ensino, pesquisa e extensão e possuem importância local regional dentro do contexto de uma cidade de médio porte como Mossoró, de forma a demarcar o papel social universitário e promover a articulação entre teoria e prática, ressignificando a concepção de universidade cidadã e extensão popular (LINS; MIRANDA; RABELO, 2017).

Por fim, a especialidade que prevaleceu, quando se visualizam as buscas assistenciais dos pacientes entrevistados foi a de Ginecologia e Obstetrícia, seguida da Reumatologia, Cardiologia e Endocrinologia, respectivamente, em consonância com a tabela 2.

As especialidades mais procuradas que se constataram na pesquisa, segundo mostra a tabela 2, são compatíveis com a demanda social maior de certas especialidades no que tange às queixas e às necessidades dos pacientes, tais quais a fertilidade, pré-natal e ginecologia geral, no caso das mulheres as quais as reais necessidades da paciente estão “por trás da queixa”, sendo a própria escuta um recurso terapêutico a esse público (DE SOUZA; DA SILVEIRA, 2019).

Ademais, há de maneira geral, os relatos de dor, pressão alta, descontroles glicêmicos, dislipidemias, problemas cardíacos estruturais, sobrepeso e limitações articulares. Tais referimentos por parte dos pacientes refletem tendências da sociedade que envolvem questões de reprodução natural, mas também de hábitos de vida, como sedentarismo, má alimentação, entre outros apontamentos, que influenciam no risco de aparecerem doenças inflamatórias, metabólicas e cardiovasculares (DE ASSIS et al, 2021; DA SILVA PEREIRA; DE OLIVEIRA FREITAS, 2021; MACENO; DOS SANTOS GARCIA; 2022).

Tabela 2 – Setor especializado do ambulatório pelo qual os entrevistados possuem seguimento no ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró/RN, 2022.

Especialidade com a qual faz tratamento/acompanhamento no ambulatório	Percentual de Pacientes
Ginecologia e Obstetrícia	47,76%
Reumatologia	26,86%
Cardiologia	16,41%
Endocrinologia	14,92%
Dermatologia	2,98%
Gastroenterologia	1,49%
Pneumologia	1,49%
Neurologia	1,49%

Fonte: Autor próprio, 2022.

O segundo eixo da pesquisa consistiu em indagar os pacientes participantes sobre os hábitos de automedicação. Questionados acerca de recorrência à automedicação no último ano, a maior parte recorreu ao hábito, fazendo uso com frequência mais rara e, quando interrogadas sobre haver ou não prescrição habilitada, a maioria consumiu sem prescrição formal, tal qual evidencia a tabela 3.

Tabela 3 – Hábitos de automedicação dos pacientes entrevistados no ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró/RN, 2022.

No último ano, recorreu à automedicação?	Percentual de Pacientes	de
Sim	85,07%	
Não	14,92%	
Se sim para a pergunta anterior, qual a frequência?	Percentual de Pacientes	de
Diária	5,97%	
Semanal	16,41%	
Mensal	13,43%	
Raramente	49,25%	
Os medicamentos que costuma usar são sempre prescritos por um médico ou profissional habilitado?	Percentual de Pacientes	de
Sim	40,29%	

Não	59,70%
Se não para a pergunta anterior, quem recomendou?	
Balconistas da Farmácia	41,79%
Familiares	17,91%
Amigos/Colegas de Trabalho	17,91%
Internet	22,38%
Médicos	14,92%

Fonte: Autor próprio, 2022.

A automedicação no Brasil é um problema de saúde pública, e essa situação só tende a aumentar com o envelhecimento da população e a dificuldade de acesso à saúde (SOTERIO; SANTOS, 2016). O aumento da disponibilidade e a facilidade de acesso aos medicamentos de tarja vermelha (sem retenção de receita) e aos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) fazem com que o índice de automedicação e os danos causados pelo uso irracional aumentem (SOTERIO; SANTOS, 2016).

Entender a automedicação como problema imputado somente aos consumidores desses medicamentos é um equívoco. Existem múltiplos condicionantes e muitos outros atores envolvidos promovendo a prática de uma automedicação estimulada pela mídia e autoridades. De todo modo, o resultado no Brasil foi uma avalanche de informações, medo e incertezas, contribuindo com uma corrida sem precedentes para os balcões das farmácias (MELO; DUARTE; MORAES; FLECK; ARRAIS, 2021).

Em razão disso, torna-se indispensável a criação de políticas públicas e a adoção de estratégias educativas em saúde, considerando os aspectos socioculturais da população, assegurando aos indivíduos os esclarecimentos cabíveis quanto a duração adequada dos tratamentos com antibióticos, além de alertar quanto os prejuízos à saúde em razão do uso indiscriminado, abstendo-se de um problema de saúde pública (GARBIN; BATISTA; GARBIN; SALIBA, 2019).

Ainda dentro da seara de questionamentos feitos aos pacientes sobre os hábitos de automedicação, ao serem interrogados em relação a quem recomendou o medicamento no caso dele não ter sido prescrito, foi majoritário o traço persuasivo profissional do balconista da farmácia, seguido do uso da internet, familiares e amigos/colegas de trabalho, respectivamente.

Dentro desse prisma, cabe mencionar a Pesquisa de Automedicação no Brasil (2018) feita pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ). As entrevistas foram feitas de forma pessoal e individual, com abordagem em pontos de fluxo populacional, com 2.090 pessoas de todas as regiões do País, em 120 municípios. Em território nacional, 79% das pessoas com mais de 16 anos admitem tomar medicamentos sem prescrição médica ou farmacêutica. Nessa pesquisa, os principais prescritores leigos e informais foram a família para 68% da população, balconista da farmácia para 41% e amigos para 41% também da população (CHAGAS; LUNA; IZEL; ALMEIDA, 2021). A figura familiar configura-se de peso para as implicações sociais de consumo e diálogo, seja nas rodas de conversas ou nas diversas outras manifestações do convívio cotidiano, sendo meio de argumentação e persuasão (VALERIO; MORRETES, 2020).

Em contraposição à pesquisa de âmbito nacional, na pesquisa realizada com os pacientes no ambulatório da faculdade, prevaleceu a figura do balconista da farmácia, cenário que, possivelmente, pode ter correlação com a presença massiva de farmácias de bairro e o maior peso das conversas e da oralidade e informalidade, bem como indicações rotineiras nas relações sociais de consumo, o que ocorre em maior peso nas cidades interioranas de pequeno e médio porte, tal qual o município de Mossoró, de onde procedem a maioria dos entrevistados.

Em continuidade aos questionamentos, os pacientes foram interrogados sobre com quem eles procuraram informações sobre os medicamentos antes de se automedicarem, a maioria busca informações sobre o composto antes da utilização, sendo que, dentre os que responderam sim para essa procura de conteúdo, buscam-na predominantemente na figura do farmacêutico, seguido da bula e do médico, respectivamente, em maior composição, consoante sinaliza a tabela 4.

Tabela 4 – Busca informativa, queixas, motivos e tipos mais comuns de medicamentos usados pelos pacientes entrevistados no ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró/RN, 2022.

Antes de se automedicar, você procurou informações sobre o medicamento?	Percentual de Pacientes
Sim	62,68%
Não	37,31%
Se sim para a pergunta anterior, onde buscou essas informações?	Percentual de Pacientes
Farmacêutico	35,82%
Bula	25,37%

Balconista da Farmácia	7,46%
Médico	23,88%
Familiar ou Amigo	2,98%
Internet	11,94%
Problemas de saúde apresentados pelo paciente quando se automedicou	Percentual de Pacientes
Cefaleia	32,83%
Dor	53,73%
Quais motivos o(a) fez se automedicar ao invés de procurar um médico?	Percentual de Pacientes
Tinham o medicamento em casa	71,64%
Prazo para agendar consulta	50,74%
Tinha prescrições anteriores	35,82%
Quais medicamentos costuma utilizar?	Percentual de Pacientes
Analgésicos	97,01%
Anti-Inflamatório	79,1%
Ansiolíticos/Antidepressivos	17,91%
Antipiréticos	37,31%
Antibióticos	23,88%

Fonte: Próprio Autor, 2022.

Através da prescrição farmacêutica o paciente que faz utilização de medicamento me dosagem correta e consegue concretizar o tratamento com sucesso, por compreender que há uma complexidade na escolha de um viés terapêutico, ainda que para doenças leves, e por compreender a descrição medicamentosa o farmacêutico exerce um papel técnico fundamental para aperfeiçoar, prevenir, detectar e corrigir os problemas ocasionados pelo mau uso de medicamentos (FERNANDES; SILVA; DE OLIVEIRA MARQUEZ, 2022)..

O papel do farmacêutico não é apenas administrativo, mas também clínico trabalhando com outros profissionais para elaborar planos de tratamento, análise de prescrição, tratamento e monitoramento do paciente visando à qualidade na prestação da saúde e redução de riscos ao paciente (FERNANDES; SILVA; DE OLIVEIRA MARQUEZ, 2022).

Apesar do balconista da farmácia ter sido o mais mencionado como recomendador dos medicamentos, não foi paradoxalmente, o ente mais procurado para busca de

informações sobre os medicamentos, e esse dado evidenciado na pesquisa chamou atenção dos pesquisadores para possíveis especificidades loco regionais do público pesquisado. Possivelmente, há correlação de, embora o balconista consiga, de forma persuasiva, recomendar compostos para os clientes que vão à farmácia, no sentido de aporte conteudístico, prevalece a procura pelo profissional habilitado farmacêutico nesse mesmo público pesquisado.

No que concerne à queixa guia do paciente quando se automedicou, prevaleceu a queixa dor no sentido genérico para boa parte dos pacientes, sendo que dessas queixas algícas, a cefaleia foi a mais referenciada nominalmente. Já acerca do motivo (a) para se automedicar ao invés de buscar um médico, fração substancial dos entrevistados afirmou possuir o medicamento em casa, seguido da demora em agendar consultas e de possuir prescrições anteriores, respectivamente.

Qualquer prática de automedicação é sempre uma opção entre dois ou mais riscos: o perigo de ingerir medicação que pode ou não aliviar a dor, naquele momento, aumentando mais a possibilidade de aumentar as reações adversas, porém mais tarde pode agravar o problema de saúde, mas a espera do ser humano é que o resolva no momento da dor (DE CARVALHO; TRINDADE; ALMEIDA, 2019).

Por fim, interrogados sobre quais medicamentos costumam utilizar no contexto da automedicação, majoritariamente houve menção aos analgésicos e aos anti-inflamatórios, seguidos dos antipiréticos, antibióticos e ansiolíticos / antidepressivos.

Muitos fatores como problemas governamentais de déficit do acesso ao sistema de saúde, como também o acesso livre a informações que é a internet torna a automedicação um meio mais fácil de “curar” ou “amenizar” alguma dor ou doença. Através da mídia, é possível que esteja sendo apresentada uma linguagem pretensamente não-médica, – por exemplo, com elementos lúdicos, como o símbolo de Neosaldina que é o comprimido com um sorriso – uma suposta solução cultural para um problema médico: a dor de cabeça (SOTERIO; SANTOS, 2016).

Nota-se frente aos achados do estudo um perfil consumístico mais voltado para a esfera sintomática, que representa o alívio de uma situação aguda ou crônica agudizada, o que encontra eco, frequentemente nas buscas constantes às farmácias, crédito dado à recomendação do balconista, apelação da indústria farmacêutica, indicações interpessoais e centradas no que, efetivamente, mais incomoda um paciente queixoso: o sintoma, notadamente a dor e a inflamação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação ainda consiste em um grave dilema da saúde pública nacional e global, e seu uso indiscriminado pela população caracteriza-se deletério sob a ótica de inúmeros problemas físicos e psicossociais. Neste trabalho, evidenciou-se um perfil de pacientes atendidos de forma ambulatorial majoritariamente utilizadores de sintomáticos, com notoriedade para as queixas de dores gerais e cefaleia, com prevalentes de caracteres adultos, do sexo feminino, casado, procedentes da mesma cidade onde se localiza o serviço ambulatorial pesquisado.

Enquadra-se em sua maior quantidade no serviço de ginecologia e obstetrícia, que se automedicam em tempos atuais, sem prescrição habilitado e com maior recomendação do balconista de farmácia, não obstante a busca informativa seja maior via bula ou farmacêutico, prevalecendo medicações de dor e antitérmicos. O presente estudo intencionou trabalhar conhecer os hábitos de automedicação e fatores que influenciam essa prática, caracterizando o perfil do grupo a partir dos dados sociodemográficos, frequência, necessidade de prescrição, busca informativa, motivos e tipos de medicações em uso no contexto da automedicação entre os pacientes atendidos pelo ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Nessa lógica de objetivos, caracterizaram-se como empecilhos à plena realização desse trabalho e ao maior recrutamento das pessoas para participação a dificuldade de entrevistar plenamente os pacientes ou mesmo de conseguir acessibilidade a eles. Isso decorre tanto da dinâmica do serviço funcionar com tempo de espera para entrada nos consultórios especializados como da predominante não permanência do paciente nesses espaços após a finalização da consulta, por residir longe do local ou pelos afazeres sociais.

Dessa forma, os objetivos da pesquisa foram contemplados satisfatoriamente mediante ao que se propunha de explorar a amostra que fosse alcançada, todavia o obstáculo a uma maior expansão do público foi um fator limitante. Em estudos posteriores, sugere-se que o mapeamento demográfico, social, cultural e com os traços do perfil “consumístico” medicamentoso seja ampliado, e, em particular, contemple variados serviços de saúde para a apreensão das peculiaridades loco regionais da assistência em saúde e sua influência nos perfis de consumo dos pacientes. Sobretudo ao se tratar de pessoas de realidades interioranas do Brasil, tal qual Mossoró, cidade de médio porte que polariza serviços, fluxos e pessoas das mais variadas camadas sociais do oeste potiguar.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, P. S. D et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, p. 1-11, 2016.
- ASSIS, L. V. et al. Obesidade: diagnóstico e tratamento farmacológico com Liraglutida, integrado a terapia comportamental e mudanças no estilo de vida. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 5, p. e6830-e6830, 2021.
- CHAGAS, F. G. F; LUNA, G. G.; IZEL, I. C. M; ALMEIDA, Anne Cristine Gomes de. O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021.
- CORRÊA, M. C. D. V. ; RODRIGUES, P. H. A.; CAETANO, R. Os medicamentos como uma questão estratégica para a viabilidade do Sistema Único de Saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 28, p. 1-5, 2018.
- CORREIA, B. C.; TRINDADE, J. K. ; ALMEIDA, A. B. Fatores correlacionados à automedicação entre os jovens e adultos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. 1, p. 57-61, 2019.
- DIETRICH, A. ; COLET, C. F. ; WINKELMANN, E. R. Perfil de saúde dos usuários da rede de atenção básica baseado no cadastro individual e-Sus. **Rev Fund Care Online**, v. 11, n. 5, p. 1266-1271, 2019.
- DOMINGUES, P. H. F. ; GALVÃO, T. ; ANDRADE, K. R. C. ; SÁ, P. T. T. ; SILVA, M. T. ; PEREIRA, M. G. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, p. 1-8, 2015.
- DOMINGUES, P. H. F. ; GALVÃO, T. ; ANDRADE, K. R. C. ; SÁ, P. T. T. ; SILVA, Marcus Tolentino; PEREIRA, Maurício Gomes. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 319-330, 2017.
- FERNANDES, E. W. ; SILVA, G. C. ; MARQUEZ, C. O. A necessidade da prescrição farmacêutica de MIPs e os problemas automedicação. **Scire Salutis**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2022.
- GARBIN, C. A. S. ; BATISTA, J. A. ; GARBIN, A. J. S. ; SALIBA, T. A. A realidade de uma prática autocomplacente: relato de um caso de automedicação. **Arch. Health Invest**, p. 39-42, 2019.
- GARCIA, L. H. C. ; CARDOSO, N. O; BERNARDI, C. M. C N. Autocuidado e adoecimento dos homens: uma revisão integrativa nacional. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 3, p. 19-33, 2019.
- GONÇALVES, A. M. C. et al. Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, p. 101-109, 2018.

GUALANO, M. R. et al. Use of self-medication among adolescents: a systematic review and meta-analysis. **The European Journal of Public Health**, v. 25, n. 3, p. 444-450, 2015.

LINS, F. X. D. ; MIRANDA, M. G. O. ; RABELO, P. M. O nucléolo de estudo do fígado (NEF) como espaço da extensão universitária: relato de experiência. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, p. 1-5, 2017.

MACENO, L. K. ; GARCIA, M. S. Fatores de risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares em jovens adultos Risk factors for the development of cardiovascular diseases in young adults. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 1, p. 2820-2842, 2022.

MARTINS, M. M. F. ; AQUINO, R. ; PAMPONET, M. L. ; PINTO, E. P. ; AMORIM, L. D. A. F. Acesso aos serviços de atenção primária à saúde por adolescentes e jovens em um município do Estado da Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. 1-15, 2019.

MELO, J. R. R. ; DUARTE, E. C. ; MORAES, M. V. ; FLECK, K. ; ARRAIS, P. S. D. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. 1-5, 2021.

PEREIRA, L. M. S; FREITAS, F. M. N. O. Os efeitos do comportamento alimentar no estilo de vida do controle da diabetes The effects of food behavior on the diabetes control lifestyle. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 5, p. 20042-20057, 2021.

SILVA, S. L. A; TORRES, J. L. ; PEIXOTO, S. V. Fatores associados à busca por serviços preventivos de saúde entre adultos brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 783-792, 2020.

SOTERIO, K. A. ; SANTOS, M. A. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2, p. 1-15, 2016.

SOUZA, S. A. L. ; SILVEIRA, L. M. C. (Re) Conhecendo a escuta como recurso terapêutico no cuidado à saúde da mulher. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 19-42, 2019.

VALÉRIO, M. C. J. ; MORRETES, M. Perfil do consumo de medicamentos por graduandos em uma universidade do Planalto Norte Catarinense. **Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar**, v. 9, p. 299-310, 2020.